

Antígona: liberdade e tirania em tempos de crise

Roberta Postale (graduanda do Curso de Teatro da UFPel)
Paulo Gaiger (Prof.Dr. UFPel)

Resumo: Antígona é uma das tragédias mais importantes de Sófocles, dramaturgo da Atenas Clássica. Foi a peça escolhida pela turma da disciplina de Montagem Teatral I (semestre 01.18) e que, em razão de seu tema, implicou um processo de fôlego, de experimentos e adaptações de linguagem e de referências às realidades contemporâneas brasileiras. Neste relato de experiência, nos preocupamos em compartilhar parte deste processo, a partir da reflexão sobre a própria trajetória dos ensaios e após a estreia em julho de 2018. Antígona, no original, enfrenta Creonte, seu tio e rei de Tebas, porque deseja enterrar um dos seus irmãos, Polinices, deixado, por decreto do rei, para ser devorado pelos animais selvagens, como punição por haver querido o trono que lhe era por direito, em acordo feito com seu irmão, Etéocles. O indivíduo contra a tirania do Estado é um dos telões de fundo possível. Na montagem da turma, lançamos à cena, neste enfrentamento entre liberdade x tirania, também os direitos da mulher como cidadã e autônoma, como protagonista da história. Embora estes temas sejam debatidos em nosso país, em tempos de crise as propostas autoritárias sempre voltam a ganhar espaço na agenda das alternativas pragmáticas e milagrosas. Ao longo das semanas de ensaios, muitos dos conflitos e contradições vividos pelos brasileiros vieram como exercícios de improvisação. Para tornar a reflexão mais intensa, nossas opções cênicas acolheram boas doses de humor e de interrogações. Um espetáculo aberto!

Conversações iniciais

Nos primeiros encontros da disciplina, Antígona era apenas uma entre as possibilidades de montagem. Concorreram com a obra de Sófocles, A Caravana da Ilusão (Alcione Araújo), As bruxas de Salém (Arthur Miller) e Ânsia (Sarah Ken). Tivemos que considerar aspectos e desafios de cada um dos textos, bem como, o número de estudantes matriculados, o tempo constrangido em dois encontros semanais ordinários para discussão, construção de cenas e ensaios e as condições abertas para atualização do tema. A turma, composta por oito alun@s[1], junto com o professor, decidiu por montar Antígona, sopesando os temas da liberdade x tirania, do feminismo, dos direitos humanos e, também, da possibilidade de jogo, de atualização e de adaptação às diferentes realidades brasileiras.

Os primeiros encontros, portanto, foram destinados à leitura dos textos e, depois da escolha de Antígona, à organização da disciplina. Para tentar subtrair os

[1] Darlan Pez, Gustavo Brocker, Karol Mendes, Lizi Fonseca, Patrícia Bicoski, Roberta Postale, Samuel Pretto, Wesley Fróis.

problemas advindos do fato de ser uma turma vinculada à disciplina, se propôs a ideia de uma Companhia Teatral, da consciência de pertencimento e responsabilidade em relação ao grupo e ao trabalho. Ao longo do semestre, sim, contamos com um núcleo que participou assiduamente e propositivamente do processo e que garantiu um excelente produto artístico final. Roberta Postale, por sua vez, abriu mão do trabalho de atuação para dedicar-se à preparação corporal e à assistência de direção.

Histórias de vida, história do país

As primeiras improvisações partiram de histórias de vida dos próprios atores e atrizes, de vivências pessoais em que haviam experimentado qualquer tipo de preconceito e discriminação; e a partir de jogos de entrevistas em que @ ator/atriz ao centro tinha que responder a respeito de tirania, liberdade, racismo, feminismo etc. Em outros jogos, se estabelecia uma relação de poder entre alguém que manda e comete injustiça e, outro, sujeitado e impotente e de situações análogas às apresentadas em Antígona. Os diferentes exercícios de improvisação aplicados tinham a função de introduzir o grupo no universo da tragédia a partir da linguagem cotidiana e experiências próprias, possibilitando, assim, uma reflexão mais intensa e próxima.

Nesse sentido, algumas improvisações alcançaram um grau de envolvimento e, às vezes, de terror, quando, por exemplo, foram buscados o movimento de um batalhão de choque, sua intervenção sobre uma pessoa e, na sequência, o assassinato de Marielle, antecedido por cena de estupro e tortura, lembrando os períodos obscuros da ditadura militar.

As escolhas cênicas e estéticas já se desenhavam nesta fase e tinham como referência, vários importantes diretores e escolas de teatro, como Peter Brook, Antunes Filho, Cia. Stravaganzza, Usina do Ator, Terreira da Tribo e Lume, por exemplo. O trabalho de improvisação buscava despertar as potencias do ator/atriz, no sentido da presença, do foco, da compreensão, de que @ ator/atriz é o essencial

da cena. Todos os demais elementos, tais como cenário, iluminação, figurinos, adereços, música, entre outros, só seriam chamados a partir do trabalho dos atores/atrizes. Ao mesmo tempo, o diretor, a assistente de direção e @s atores/atrizes mais dispostos, começavam a fazer adaptações no texto original, corte em quadros longos, atualização dos temas procurando tornar o trabalho cênico desafiador, atual e envolvente, sem perda de sua essência.

Um corpo que se constrói: o tear das cenas

A presença cênica é substantiva: o corpo vivo d@ ator/atriz. O trabalho de preparação corporal coordenado por Roberta tinha esta finalidade: que cada um pesquisasse esta presença, as distinções entre os diferentes personagens que a cada um@ tocou assumir e construir. Lizi Fonseca, por exemplo, além do desafio de fazer a personagem que dá nome à tragédia, Antígona, com energia e tônus específicos e coerentes, também era responsável por perfomar um dos Creontes, em cena de vários Creontes oprimindo um dos guardas; era responsável por uma cena cômica em que mulheres apresentam o “homem” (originalmente, a cena não é cômica, no entanto, para os tempos atuais de reflexão intensa sobre questões de gênero, sem essa leitura, perderia o sentido). A própria personagem Antígona, ao longo das ações, vai sofrendo transformações significativas, desde a primeira cena da discussão com sua irmã, Ismene, por enterrar o irmão, Polinices, à prisão, à humilhação, à tortura, ao estupro e à morte.

A pesquisa deste corpo ou, pode se dizer, destes vários corpos, exigiu muitas experimentações e criação de materiais. A princípio, para as duas irmãs se pensou em gestos e movimentos extra-cotidianos. No decorrer dos ensaios, esta opção não pareceu oferecer a força e significados queridos. Em razão disso, mantivemos Antígona, na primeira cena, explorando o extra-cotidiano, enquanto a atriz que assumiu Ismene, Patrícia, pesquisava ações absolutamente cotidianas: passar um longo tecido vermelho acabou sendo a escolha mais acertada e surpreendente.

Nos primeiros desenhos da montagem, se previa uma espécie de atuação coringa, aqui distinto de Boal, em que Creonte seria construído a partir de, pelo menos, três referências: o militar, o empresário, o chefe de família. De maneira semelhante, Antígona seria alvo de referências distintas, todas vítimas de opressão sistemática: a mulher, a mulher negra, o trans. Os ensaios e os diferentes modos de comprometimento d@s atores/atrizes, alteraram os planos: Creonte foi assumido pelo aluno Wesley; e Antígona, pela aluna, Lizi. O bom processo interno de trabalho é resultado de sua oxigenação, das janelas e portas abertas para as diferentes possibilidades e propostas. Wesley e Lizi, embora tenham assumido outras funções na cena, encarnaram as personagens e o embate entre Creonte e Antígona.

O guarda que é acusado injustamente por Creonte de haver enterrado ou permitido enterrar o corpo de Polinices, foi construído pelo aluno Gustavo. A ele coube construir Hemon, filho de Creonte e namorado de Antígona. Foi preciso pesquisar corpo e energia diferentes para os dois personagens: Hemon, um adolescente apaixonado e pacífico; o guarda, um adulto cumpridor de ordens, temente ao rei e que vive a contradição entre proteger ou delatar Antígona diante de uma injustiça. Karol e Samuel, além de integrarem os quadros cômicos, também assumiram a cena circular dos Creontes, os lobos de estimação do tirano em cena de humilhação de Antígona, a tortura, o estupro e assassinato de Antígona. Muito trabalho de corpo, voz e presença.

Dois desafios se impuseram ao longo dos ensaios: o que fazer com o Corifeu e com Tirésias? Dois personagens importantes da tragédia. O Corifeu, personagem que comenta, indaga, busca interpor equilíbrio, foi transformado em um tipo “bobo da corte”, com as mesmas funções e empregando doses de venalidade. Darlan assumiu esta tarefa, além de integrar cenas cômicas. A longa cena de Tirésias foi sintetizada em um vídeo de dois minutos, realizado em um cemitério de Pelotas, tendo como protagonista a aluna Roberta. O vídeo entra quase ao final da tragédia como efeito deus ex-machina e cumpre muito bem a intervenção de Tirésias, praticamente, já no epílogo da peça. Quase tod@s integraram o batalhão de choque que, nesta montagem, aludia ao medo e à repressão.



Espetáculo aberto

Em tempos de crise, a tirania se apresenta como solução mágica, restauradora da ordem e da segurança, mesmo com o custo da liberdade e da justiça. Durante uma das discussões entre Creonte e Antígona, o tirano sentencia que “A submissão é a salvação da maioria bem mandada”. E completa com esta pérola: “Devemos apoiar, portanto, a boa ordem, não permitindo que nos vença uma mulher”. Temos em uma mesma manifestação, referências à questão de gênero e ao modo como um governo tirânico tolera a participação do povo. Na adaptação, Creonte ainda irá dizer “o povo me teme e, por isso, me ama”, frase inspirada em Maquiavel. Questões pertinentes ao Brasil da atualidade. Nas discussões de grupo, percebemos que a tirania é sedutora, qualquer tirania, na medida em que retira a nossa responsabilidade sobre as escolhas; na medida em que o discurso que a sustenta, de xenófobo à racista, de homofóbico à misógino, desperta sentimentos inumanos egoístas, reascende recalques e preconceitos guardados a sete chaves em razão de possíveis conquistas sociais, das políticas de direitos humanos, um dos primeiros alvos de uma tirania. Por outro lado, também se desenhou sedutoramente o caminho batido de uma montagem de contestação, quase panfletária, em que se usaria da arte para impor determinado discurso e forma de pensar, retirando do público este direito e espaço de reflexão. Não deixaria de ser uma versão de tirania.

Em Antígona, vimos que era preciso lançar perguntas, em um jogo de tensão e humor de imagens e performance cênicas, que provocasse a reflexão do espectador, que lhe estimulasse a construir associações e o desacomodasse, no sentido de pensar sobre o próprio pensamento. Para isso, se privilegiou a elaboração e apresentação de uma obra de arte, a arte com esse poder de oferecer outras imagens da realidade, arte aberta e dialógica e em movimento.